

VARIAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: O CASO DOS SINAIS MÃE E PAI EM FLORIANÓPOLIS

Simone Gonçalves de Lima da Silva

Introdução

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é a língua utilizada pela comunidade surda no Brasil. A Lei nº 10.436, de 2002, descreve a Libras como “uma forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (Brasil, 2002, p.23).

No meio científico, as línguas de sinais de cada país também são reconhecidas como línguas, pois possuem os mesmos universais linguísticos que caracterizam as línguas orais, com aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos de acordo com sua modalidade visual e gestual. O reconhecimento político das línguas de sinais, no mundo, partiu das reivindicações dos movimentos sociais surdos, com o apoio das pesquisas linguísticas e pedagógicas. No entanto, no Brasil, ainda é uma língua pouco conhecida, por ser proveniente de uma comunidade linguística minoritária.

Como não se trata da língua dos colonizadores do Brasil, poucos foram os registros sobre a evolução da língua de sinais. Os registros, que se tem hoje, são referentes ao Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES e revelam que a língua de sinais no Brasil foi difundida a partir da vinda de um professor Surdo francês, E. Huet, oriundo do Instituto de Surdos de Paris, o qual propôs a criação do primeiro Estabelecimento de Educação para Surdos, atual INES. (ROCHA, 2008).

Segundo o Histórico do INES (Rocha, 2008) sobre a língua de sinais, verifica-se uma forte influência da língua de sinais francesa a qual, gradativamente, foi sendo moldada à cultura surda brasileira. A primeira publicação referente à língua de sinais, no Brasil, data de 1875, Iconografia dos Sinais, desenhada pelo ex-aluno e profissional repetidor do Instituto, Flausino José da Costa Gama, o qual repetiu os sinais do Dicionário de língua de sinais francesa, traduzindo-os para o português e revelando a sua influência sobre a língua brasileira de sinais.

No presente estudo, objetiva-se verificar o uso dos sinais PAI e MÃE da Libras, na região da Grande Florianópolis, identificar que fatores linguísticos e extralinguísticos podem motivar o uso de suas variantes e influenciar numa mudança histórica. Trata-se de um estudo sociolinguístico variacionista, pois estuda o uso da língua no cotidiano. Investigar sobre a variação linguística da Libras pode ser bastante útil para questões linguísticas mais amplas, para determinar como a linguagem se organiza, ou seja, como se estrutura, além de aprofundar conhecimentos sobre a Libras.

Varição linguística na Libras

A Língua Brasileira de Sinais – Libras é uma língua humana, assim como as outras línguas faladas, embora de modalidade diferente. Como toda língua humana, a Libras passa pelo processo contínuo e gradual de variação e mudança, seja por motivações internas, seja por contato com outras línguas de sinais ou orais. Nesse sentido, considerando a crescente mobilidade geográfica das pessoas Surdas falantes da Libras e o contato entre variantes, torna-se importante verificar se há mudanças linguísticas em curso, bem como os tipos e os processos de variações existentes. No Brasil ainda são poucas as pesquisas sobre variação e mudança linguística, Xavier, (2006; 2010), Júnior, (2011), Brito et al, (2011), porém os poucos estudos já apresentam resultados que contribuem para melhor entender o funcionamento da Libras.

Brito et al (2011) realizaram um estudo descritivo da Libras comparando o “sotaque goiano” com sotaques dos diferentes Estados da região Sul do Brasil, por meio da execução de sinais, por três sujeitos surdos e dois ouvintes, todos universitários. A identificação dos sinais que apresentavam diferenciação lexical ocorreu através de dados de dicionários enciclopédicos e outras fontes, escolhidos de forma aleatória, obedecendo ao critério de não semelhança com os sinais goianos.

Os resultados demonstraram que os sinais variantes na Libras apresentam uma regionalização, semelhante à encontrada na Língua Portuguesa. Os 50 sinais goianos, escolhidos aleatoriamente, que não se identificaram com os sinais da região Sul do país se apresentaram da seguinte forma: 42% (n=21) dos sinais diferentes são predominantes no Estado do Rio Grande do Sul, 38% (n=19) em Santa Catarina e 20% (n=10) no Paraná. Para as pesquisadoras, a maior prevalência de sinais diferentes no Estado do Rio Grande do Sul se deve ao fato da intensa quantidade de imigrantes de origem européia, que residem nesse Estado e se comunicam de maneira própria, fortalecendo ainda mais o regionalismo.

Júnior (2011) investigou as variações linguísticas naturais na Libras e as variações linguísticas que resultam da interferência da Língua Portuguesa sobre a mesma. Para o estudo foram escolhidos seis termos da terminologia política brasileira. Já para o registro dos sinais, foi preciso constatar as variações linguísticas a partir de sinais usados pelos Surdos e por profissionais que atuam nos quadros funcionais dos poderes executivo e legislativo do governo federal, com base nos estudos e considerações de diversos autores sobre vários temas da pesquisa. Após a escolha da variante-padrão para cada termo, foi possível organizar discussões sobre a variação linguística em Libras, contribuindo também para um efetivo registro que permite analisar dados e estudar estratégias para a elaboração de um dicionário terminológico de Língua Brasileira de Sinais.

Xavier (2010) apresentou um estudo de variação fonológica na Libras, com foco na alternância no número de articuladores manuais, mostrando que os fatores que regem a realização de sinais com duas mãos, normalmente produzidos com uma, ou a produção de sinais com uma mão geralmente articulados com duas, são de natureza diferente, podendo ser vinculados à expressividade, a processos lexicais ou gramaticais, ou ainda a processos

fonético–fonológicos.

As pesquisas citadas são uma pequena amostra de quão amplo é o campo de investigação da variação e mudança na língua brasileira de sinais, seja pela sociolinguística como pela geolinguística.

O presente estudo foca o uso das variantes de um mesmo item lexical, os sinais PAI e Mãe, testando a hipótese de que o uso de tais variáveis está mais relacionado ao fator social idade do que à função gramatical. As análises são extraídas de entrevistas gravadas em vídeo, com uma amostra de 20 sinalizantes originários da Grande Florianópolis.

As variáveis

Foram investigados os fatores linguísticos que influenciam na forma de duas variáveis, os sinais PAI e MÃE. Os sinais selecionados para este estudo são utilizados por todos os Surdos, independentemente da situação socioeconômica, grau de escolaridade, idade (a partir dos dois anos) e gênero, o que possibilita verificar qual motivação está presente no uso das variantes desses sinais.

O sinal PAI

O sinal PAI possui três variantes principais, ilustradas nas figuras 1a, 1b e 1c. A forma padrão é a figura 1a, sinalizada com a junção dos sinais HOMEM + BÊNÇÃO. As formas não padrão são respectivamente o sinal soletrado de PAI (figura 1b) e o sinal de PAI, proveniente do Rio Grande do Sul (figura 1c).

Figura 1a: Forma padrão do sinal de PAI, composto pela junção dos sinais HOMEM+BÊNÇÃO.



Figura 1b: Forma não padrão do sinal de PAI, sinal soletrado.



Figura 1c: Forma não padrão do sinal de PAI, originário do Rio Grande do Sul.



O sinal MÃE

O sinal MÃE possui também três variantes principais, ilustradas nas figuras 2a, 2b e 2c. A forma padrão é a figura 3a sinalizada com a junção dos sinais MULHER + BÊNÇÃO. As formas não-padrão são, respectivamente, o sinal de BÊNÇÃO (figura 2b), derivado do processo de aférese, ou seja, supressão que acontece no início de um vocábulo e o sinal de MÃE, oriundo do Rio Grande do Sul (figura 2c), onde se constitui como forma padrão de MÃE.

Figura 2a: Sinal MÃE, forma padrão, composta pela junção dos sinais MULHER+BÊNÇÃO.



Figura 2b: Sinal MÃE, forma não padrão, apresentada pelo sinal BÊNÇÃO, sendo que o sinal de MULHER foi suprimido.



Figura 2c: Forma não padrão do sinal MÃE (Florianópolis), dedo indicador toca duas vezes a lateral do nariz.



Variação Lexical na Libras

Silva et al. (2013, p.324) salientam que:

O nível lexical pode ser considerado a parte da língua que está mais suscetível à variação e mudança, pois engloba, por exemplo, várias palavras novas que vão surgindo, os neologismos e os empréstimos; ressignifica palavras existentes dentro do sistema linguístico, as gírias; e abarca outras que caíram ou cairão em desuso, os arcaísmos.

Neste sentido, a variação lexical está primeiramente relacionada a mudanças das palavras de uma língua para a expressão de diferentes signos linguísticos. A variação lexical na Libras pode ocorrer por fatores geográficos ou regionais e/ou por fatores sociais como escolaridade, idade, grupo de indivíduos pertencentes a determinadas religiões, identidade sexual. Xavier (2010, p. 57–58) cita que “as variações são esperadas até mesmo em relação ao período de início de exposição à língua de sinais, pois havendo muitos filhos surdos de pais ouvintes, a aquisição da

língua de sinais pode ocorrer logo após o nascimento, ou tardiamente”.

Sobre o objetivo do estudo da variação linguística em Libras concorda-se com a reflexão de Xavier (2010, p. 58) quando assegura que:

A discussão sobre a variação linguística em LSB não pode se resumir a apenas utilizar uma comparação dos processos de variação linguística que promove uma diversidade linguística e o enriquecimento do vocabulário. A organização de estudos da variação linguística em LSB está relacionada à percepção do mundo e à construção de significados. Podemos dizer que, na LSB, encontramos uma condição linguística de grande complexidade, em decorrência dos processos de aquisição de língua, dos aspectos culturais e do impacto político e social desses aspectos na vida dos Surdos. E esses fatores dependem ainda de outras variáveis: usos da língua, interlocutores proficientes, possibilidade de adquirir uma segunda língua, métodos formais ou informais de aprendizagem de segunda língua e a relação de cada sujeito com a LSB e a Língua Portuguesa.

Acrescenta-se que o estudo da variação e mudança linguística em Libras é fundamental para ter-se um quadro de evolução da língua e verificar o que ela revela sobre sua estrutura linguística. Da mesma forma possibilita contrastar o que ocorre com línguas orais e línguas de sinais em busca de uma teoria de variação e mudança independentemente da modalidade linguística.

No caso do presente trabalho, os sinais PAI e Mãe e suas variantes são estudadas sob uma perspectiva, sobretudo, diastrática, ou seja, relacionada a fatores concernentes à organização socioeconômica e cultural do povo surdo. O foco mais específico é sobre o fator idade no uso das variantes.

Vale destacar que a cidade de Florianópolis tem recebido Surdos de várias partes do Brasil devido às oportunidades de formação acadêmica, Pós-Graduação e emprego, além do avanço tecnológico que possibilita o acesso às novas tecnologias de comunicação por meio de videoconferência, contribuindo para o aparecimento de variantes linguísticas que podem levar a mudanças.

Método utilizado

Para testar a hipótese de que o uso das variáveis dos sinais PAI E MÃE estão mais relacionados ao fator social idade do que à função gramatical, partiu-se do estudo com base no tempo aparente. Nesse sentido, narrativas foram coletadas, por meio de entrevista individual aberta, gravada em vídeo, de um grupo de 20 participantes surdos, com idades entre 45 e 65 anos, sendo cinco mulheres e cinco homens e um grupo de surdos com idades entre 15 e 35 anos, sendo cinco mulheres e cinco homens. Foram adotados dois critérios para seleção dos participantes: primeiro que fossem surdos sinalizantes e que morassem na região da Grande Florianópolis há, pelo menos, 10 anos. Foi solicitado aos participantes que contassem um pouco

de sua história de vida desde o seu nascimento e como sua família enfrentou a surdez e, ainda, como se deu a formação de uma nova família, ou se isso pretende futuramente.

Participantes

Participaram da pesquisa 10 homens e 10 mulheres, todos surdos, brasileiros, de classe média baixa, falantes da Libras como primeira língua, residentes na Grande Florianópolis desde o nascimento.

Coleta de Dados

Os dados foram coletados pela própria pesquisadora surda, participante da comunidade surda da Grande Florianópolis. Para obter os sinais PAI e MÃE, pretendidos, os participantes foram convidados a falar sobre sua relação com seus familiares mais próximos, classificar seu grau de proximidade com os mesmos e observar a diferença linguística existente. As conversas/entrevistas duraram entre 40 a 50 minutos, gravadas em vídeo. Os participantes estavam à vontade e narraram suas histórias de vida. Durante a entrevista, o sinal de MÃE foi o que se fez mais presente. Já o sinal PAI foi pouco citado, elucidando a ausência da figura paterna na vida de grande parte dos surdos. Para o sinal PAI foram registradas 42 ocorrências e 85 para o sinal MÃE.

Análise dos Resultados

A fim de analisar se o tipo de escolha da variante está relacionado à idade ou à função gramatical de PAI e MÃE, codificou-se, primeiramente, a função gramatical de cada ocorrência (tabela 1) e, em seguida, agruparam-se os dados conforme a escolha das variantes. Os dados foram agrupados pelo uso de variantes, por gênero e por faixa etária (ver gráficos abaixo).

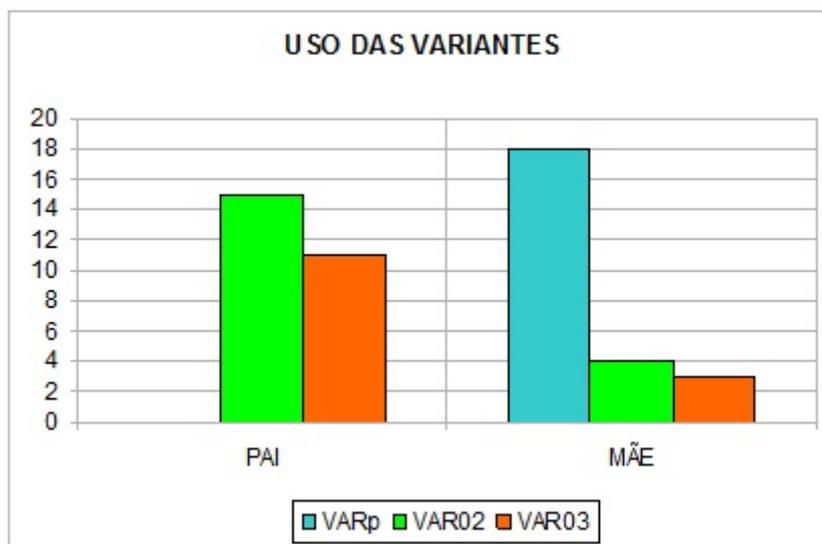
Tabela 1: Percentual das funções gramaticais dos sinais PAI e MÃE e suas variantes

Função Gramatical	Sinal PAI	Sinal MÃE
Substantivo	69%	76%
Adjetivo	-----	-----
Sujeito	31%	24%

Os sinais PAI e MÃE tiveram como função gramatical principal o papel de substantivo com poucas ocorrências onde esses sinais tinham o papel de sujeito e nenhuma com função de

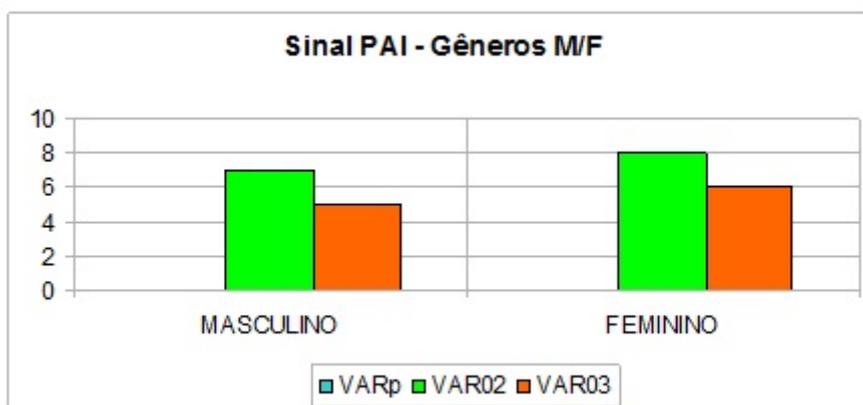
adjetivo. Sobre a escolha das variantes é possível observar no Gráfico 1 onde as variantes utilizadas para o sinal de PAI foram as de não-padrão, sendo a variante 02 (sinal soletrado) a de maior ocorrência, no entanto, alguns participantes alternam o uso entre as duas variantes. A variante-padrão do sinal PAI não foi utilizada por nenhum participante, fato que pode indicar que a variante-padrão de PAI (HOMEM+BÊNÇÃO) esteja entrando em desuso. Quanto ao sinal de MÃE, verificou-se o uso das três variantes, sobressaindo-se a padrão, sendo que as demais foram utilizadas com baixa frequência. Vale destacar que também houve participantes que utilizaram duas variantes em suas narrativas (padrão e não-padrão) e com a mesma função gramatical.

Gráfico 1: Uso das variáveis dos sinais PAI e MÃE por todos participantes.



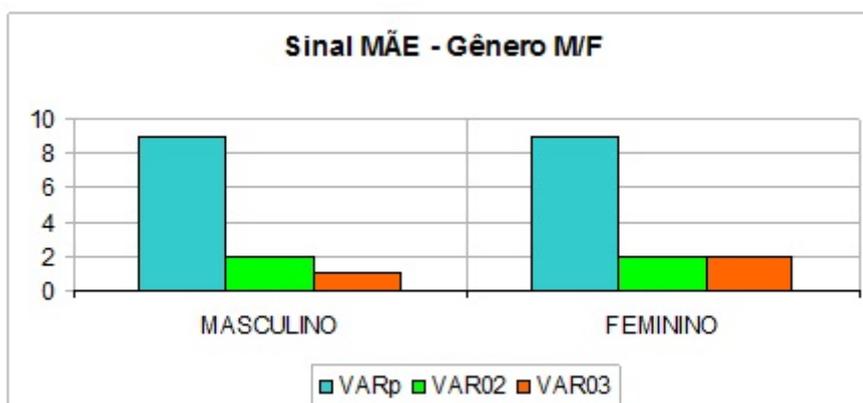
Analisou-se também a escolha das variantes com relação ao gênero. Os resultados mostraram que tanto os homens como mulheres utilizam as duas variantes não-padrão de forma equivalente, porém as mulheres variaram mais do que os homens no uso das duas formas (Gráfico 2).

Gráfico 2a: Escolha das variantes do sinal PAI de acordo com os gêneros dos participantes



Quanto ao sinal MÃE, os dados mostraram que ambos os gêneros utilizam as três variantes do sinal MÃE, contudo, a variante-padrão é a mais utilizada. Observa-se nas variantes não-padrão pequenas diferenças de uso entre si e entre os gêneros (Gráfico 2b).

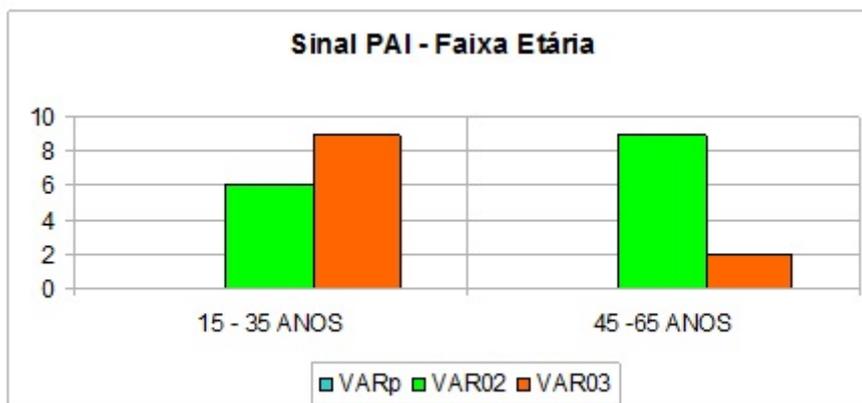
Gráfico 2b: Escolha das variantes do sinal MÃE de acordo com o gênero dos participantes.



Comparando tais dados a partir da faixa etária, grandes mudanças são verificadas. Para o sinal PAI, surdos mais jovens tendem a utilizar mais a variante 03, (“BIGODE”), o que pode estar associado às características fonológicas desse sinal, o qual possui apenas um seguimento de

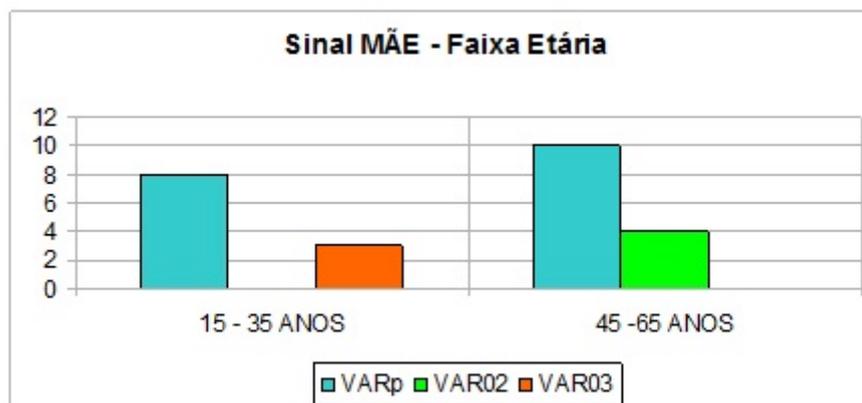
parada e uma configuração de mão simples, o que agiliza a “pronúncia” do sinal. Além disso, é um sinal proveniente do Rio Grande do Sul, incorporado através do contato entre surdos catarinenses e surdos gaúchos. Observou-se que entre os participantes mais velhos (45–65 anos) tais ocorrências foram poucas, liderando o uso da variante 02 (sinal soletrado), a qual decaiu entre os mais jovens.

Gráfico 3a: Escolha das variantes do sinal PAI conforme faixa etária.



Para o sinal MÃE, verifica-se que surdos mais jovens já não utilizam a variante 02 (BÊNÇÃO), fato que pode ser associado à inserção da Libras no contexto escolar, tendendo a utilização de uma variante mais formal. Outra diferença entre os jovens é o uso, ainda pequeno, da variante 03 (“NARIZ”), que é o sinal padrão de MÃE, no Rio Grande do Sul, enquanto que a variante PAI, proveniente dessa mesma região, tem se destacado. Já os mais velhos não utilizam essas variantes. Ambos os grupos etários, em sua maioria, utilizam, com frequência, a variante-padrão.

Gráfico 3b: Escolha das variantes do sinal MÃE, conforme faixa etária.



A hipótese lançada de que o uso de tais variáveis está mais relacionado ao fator social idade do que à função gramatical foi comprovada, visto que alguns participantes manifestaram o

uso de duas variantes para um mesmo significado, não variando a função gramatical do sinal.

As escolhas das variantes tiveram maior significado com relação às faixas etárias.

Os resultados evidenciam que há as seguintes mudanças em curso:

1. O sinal PAI, (HOMEM + BÊNÇÃO), considerado aqui como variante-padrão está em desuso;
2. O sinal PAI, proveniente do estado do Rio Grande do Sul (variante 03), é a escolha principal dos jovens, indicando que essa seja a variante de prestígio e, futuramente, a variante padrão.
3. Os jovens entrevistados não utilizaram a variante 02 do sinal MÃE, fato que pode indicar também o desuso desse sinal.
4. Por fim, verificou-se também que já houve uma mudança linguística para os sinais PAI e MÃE, visto que no primeiro dicionário brasileiro de língua de sinais, registrado no INES, o sinal PAI é sinalizado com a junção dos sinais de HOMEM + NASCER (figura 3) e o sinal MÃE, pela junção dos sinais MULHER + NASCER (figura 4). Os sinais HOMEM e MULHER transformaram-se totalmente, podendo-se afirmar também que a mudança ocorrida está relacionada a transformações culturais e à vida em sociedade.

Figura 3: Sinal de PAI, de acordo com o primeiro Dicionário de Língua de Sinais, publicado no Brasil, *Iconographia dos signaes dos surdos-mudos*, de Flausino da Gama, 1875, estampa 6, individualidade e profissões.

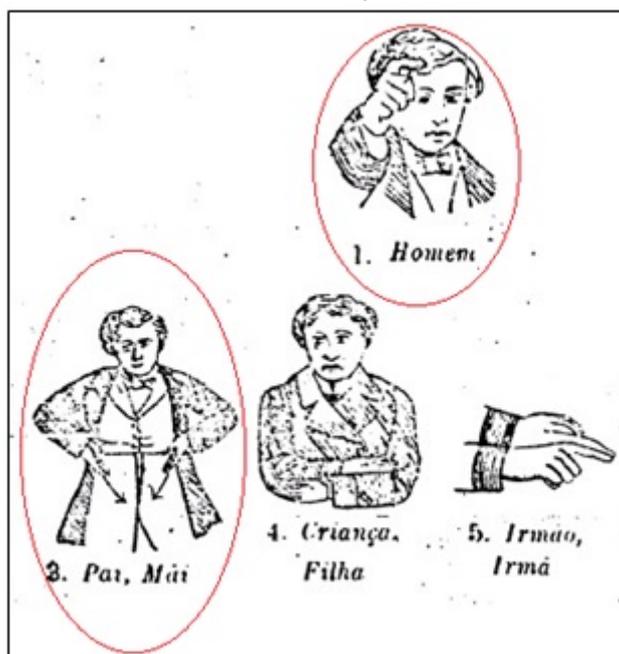
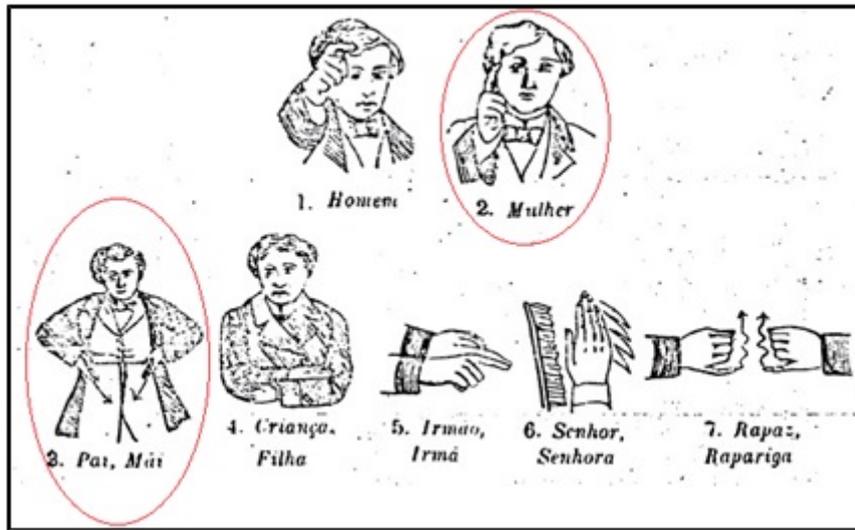


Figura 4: Sinal de MÃE, de acordo com o primeiro Dicionário de Língua de Sinais, publicado no Brasil, *Iconographia dos signaes dos surdos-mudos*, de Flausino da Gama, 1875, estampa 6, individualidade e profissões



Esses resultados podem ser confirmados com estudos de outros pesquisadores. Seria interessante comparar tais resultados com outras regiões, incluindo outros fatores sociais e linguísticos. Nota-se que é fundamental o aprofundamento da questão da variação e mudança linguística na Libras, pelo fato principal de que o estudo da variação e mudança linguística implica também em verificar outros fenômenos linguísticos relacionados à fonologia, morfologia, sintaxe e semântica, contribuindo, dessa forma, para a teorização da linguística das línguas de sinais e para os estudos da linguagem humana.

Considerações Finais

Os resultados obtidos evidenciam que a variação linguística é característica de todas as línguas naturais, independentemente da modalidade em que são expressas. Além disso, assim como nas línguas orais, a variação das línguas de sinais se mostra não ocasional, mas condicionada por fatores sociais.

Espera-se que o presente estudo desperte o interesse por pesquisas sobre a estrutura linguística da Libras e os processos envolvidos na variação e mudança linguística. E, além disso, contribuir também na valorização da língua de sinais e dos Surdos como minoria linguística e cultural.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **DECRETO 5626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, e o artigo 18 da Lei nº 10098, de 19 de dezembro de 2000.

BRITO, K. F. S.; MOREIRA, A. S.; MOREIRA, D. K.; NASCIMENTO, C. B.; AVELAR, T.F. **Regionalizações e variações linguísticas existentes na língua brasileira de sinais – LIBRAS**. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 63, 2011, Goiânia. Anais/Resumos da 63ª Reunião Anual da SBPC –ISSN2176–1221. São Paulo: SBPC/UFG, 2011. Disponível em: <http://www.sbpnet.org.br/livro/63ra/resumos/resumos/1245.htm>.

FELIPE, T.A. **Libras em contexto**: curso básico, livro do estudante cursista. Programa nacional de apoio à educação de surdos. Brasília: MEC–EESP, 2001.

FERREIRA–BRITO, L.F. **Integração social & educação de surdos**. Rio de Janeiro: Babel, 1993.

_____. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Lingüística e Filologia, 1995.

GUY, G.; ZILLES, A.. **Sociolingüística quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ILARI, R.. **Introdução ao estudo do léxico**: brincando com as palavras. São Paulo: Contexto, 2003.

JÚNIOR, G.C. **Variação linguística em língua de sinais brasileira**: foco no léxico. Brasília, Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, 2011.

LUCAS, C.; BAYLEY, R.; VALLI, C. Sociolinguistic Variation in American Sign Language. In: **Sociolinguistics in Deaf Communities**, v.7. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 2001.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

QUADROS, R.M.; KARNOPP, L.B. **Língua de sinais brasileira**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SILVA, D.Q.S.S. et al. **O léxico em foco**: algumas incursões sobre a variação lexical presente em autos de defloramento do início do século XX. Web–Revista Sociodiaeto, UEMS/Campo Grande, v.3, nº9, mar. 2013. Disponível em: <http://sociodiaeto.com.br/edicoes/14/01042013042000.pdf>. Acessado em 21 de fevereiro, 2014.

XAVIER, A.N. **Descrição fonético–fonológica dos sinais da língua brasileira de sinais (libras)**. 2006. 175f. Dissertação (Mestre) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

_____. **Variação fonológica na libras**: um estudo–piloto da alternância no número de articuladores manuais envolvidos na produção dos sinais. In: Seminário de Teses em Andamento, 16, 2010, Campinas. **Caderno de resumos**. Campinas: Unicamp, 2010. p. 66–67.